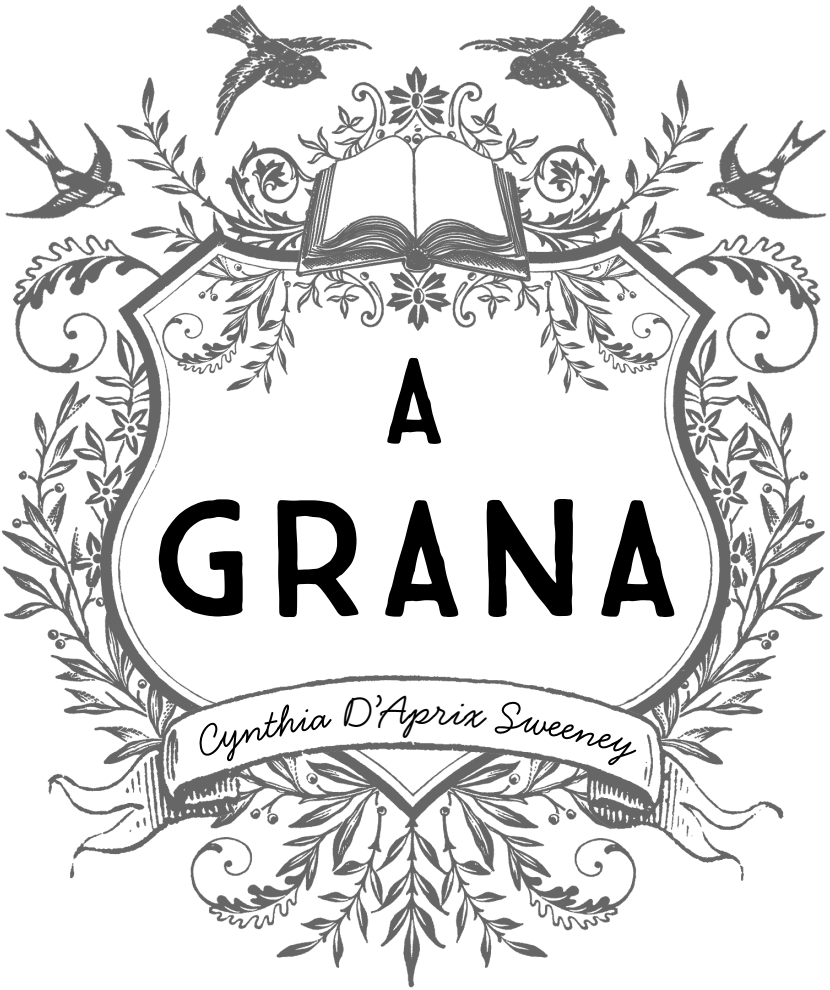
intrínseca

A GRANA

Cynthia D'Aprix Sweeney

A
GRANA



Tradução de Vera Ribeiro

intrínseca

Copyright © 2016 by Cynthia d'Aprix Sweeney

TÍTULO ORIGINAL
The Nest

REVISÃO
Laís Curvão

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA
Sarah Wood
Allison Saltzman

ADAPTAÇÃO
Aline Ribeiro / linesribeiro.com

ILUSTRAÇÃO
© borsvelka / Shutterstock

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S978g

Sweeney, Cynthia d'Aprix
A grana / Cynthia d'Aprix Sweeney ; tradução Vera Ribeiro.
- 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.
336 p. ; 23 cm.

Tradução de: The nest
ISBN 978-85-510-0005-2

1. Romance americano. I. Ribeiro, Vera. II. Título.

16-33835 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para minha família: meus pais, Roger e Theresa;
minha irmã, Laura; e meus irmãos, Richard e Tony
— para todos eles, nada é melhor do que
uma história boa e bem contada.

Sempre houve esta dicotomia: o que conservar, o que mudar.

— WILLIAM TREVOR, "THE PIANO TUNER'S WIVES"

Foi assim que eu soube que essa história partiria meu coração
Quando você a escrevesse
Foi assim que eu soube que essa história partiria meu coração.

— AIMÉE MANN, *THE FORGOTTEN ARM*

P P P P P
P P P P P P
P P P P P
P P P P P P
P P P P P
P P P P P P
P P P P P
P P P P P P
P P P P P
P P P P P P
P P P P P
P P P P P P
P P P P P
P P P P P P
P P P P P

AGRADECIMENTOS

Por me oferecerem com grande generosidade seu tempo e seu saber (e, vez ou outra, por me deixarem tomar suas vidas emprestadas), devo um milhão de agradecimentos e quase o mesmo número de drinques a Belinda Cape, Madeline Dulchin, Rory Evans, Kate Flannery, Robin Goldwasser, John Hodgman, Natasha Lehrer, Jenny McPhee, Liza Powel O'Brien, Rebecca Odes, Rachel Pastan, Amy Poehler, Amy Scheibe, Katherine Schulten (que leu com entusiasmo tantos rascunhos destas páginas que comecei a temer por sua sanidade), Jill Soloway, Jen Strozier, Sarah Thyre, Janie Haddad Tompkins e Paul Yoon. E ao falecido e genial David Rakoff.

O mestrado em Criação Literária e Literatura da Universidade de Bennington é o curso ideal para se investir dois anos de uma vida, e foi lá que encontrei meu porto seguro em amigos de verdade e leitores de confiança: Rob Faus, Erin Kasdin, Melissa Mills-Dick, Kathryn Savage e (a saudosíssima) Megan Renehan. Sou grata a minhas duplas nos seminários, ao corpo docente e à equipe da Bennington, em especial a Bret Anthony Johnston, que leu as primeiras trinta páginas do que eu julgava ser um conto imprestável e me disse que aquilo era o começo de um romance. Seu entusiasmo me deu confiança para começar este livro, e sua orientação, sua perspicácia, seu humor, sua paciência e sua amizade me conduziram até o fim.

Meu agente, Henry Dunow, e minha editora nos Estados Unidos, Megan Lynch, não só melhoraram tudo nestas páginas, como também são pessoas ma-

ravilhosas com quem trabalhar, em todos os sentidos. Não sei que vilarejo devo ter salvado numa vida anterior para merecê-los, mas só pode ter sido um enorme. Agradeço também a Daniel Halpern e a todo o pessoal da editora Ecco por trabalharem tanto por mim, sobretudo a Eleanor Kriseman e Sonya Cheuse.

Agradeço a meus pais por terem lido para mim e me transmitido seu amor pelos livros e pela língua. Agradeço a meus filhos, Matthew e Luke, por me deixarem ler para eles até a época em que começaram a ficar acordados depois da minha hora de dormir, por se transformarem em pessoas incrivelmente interessantes, inteligentes e divertidas, e por encherem nossa casa de música.

Por fim, e de máxima importância, um mundo de amor e gratidão a meu marido, Mike, cuja confiança em mim foi tão absoluta, com base em provas tão frágeis, que este livro é minha tentativa de impedir que ele pareça bobo. Enquanto fizermos um ao outro rir, tudo estará bem.

PRÓLOGO

Enquanto os demais convidados perambulavam pelo deque do clube sob um anoitecer de verão na praia, tomando goles aflitos e críticos de seus drinques para conferir se os garçons estavam usando bebidas de primeira, equilibrando bolinhos de caranguejo em guardanapos de papel e fazendo comentários convenientes sobre a sorte que haviam tido com o tempo, já que no dia seguinte a umidade voltaria, ou murmuravam observações impróprias sobre o vestido justo de cetim da noiva, se perguntando se o decote exagerado era por causa do corte malfeito, de mau gosto (um *look*, como as filhas dos convivas diriam) ou de um inesperado ganho de peso, dando piscadelas e fazendo piadas batidas sobre trocar torradeiras por fraldas, Leo Plumb deixou a festa de casamento do primo com uma das garçonetes.

Estava fugindo da esposa, Victoria, que àquela altura mal falava com ele, e da irmã Beatrice, que não parava de lhe encher os ouvidos com uma interminável lamúria sobre reunirem-se para a Ação de Graças. *Ação de Graças*. Em julho. Fazia vinte anos que Leo não passava um feriado sequer com a família, desde meados da década de 1990, se não lhe falhava a memória, e não estava muito disposto a começar naquele momento.

De mau humor e à caça do tão falado bar ao ar livre supostamente vazio, Leo avistou Matilda Rodriguez pela primeira vez no momento em que ela carregava uma bandeja com taças de champanhe. A garota se deslocava por entre

os convidados com um brilho meio cintilante — em parte porque o sol poente banhava o extremo leste de Long Island com um tom de rosa escandaloso, em parte por causa da cocaína de excelente qualidade que promovia um caos nas sinapses de Leo. As bolhas que subiam e desciam na bandeja de Matilda eram como uma convocação extasiada, um convite endereçado apenas a ele. O cabelo preto e volumoso da moça estava amarrado num nó prático, deixando à mostra os planos largos do seu rosto; ela era toda olhos esfumaçados e boca vermelha e carnuda. Leo observou o gingado elegante dos quadris enquanto ela ziguezagueava por entre os convidados, erguendo a bandeja já vazia acima da cabeça, como se fosse uma tocha. Ele pegou um martíni da bandeja de um garçom que passava e a seguiu pela porta vaivém de aço inoxidável que levava à cozinha.

A IMPRESSÃO DE MATILDA (dezenove anos, aspirante a cantora, garçonete tímida) foi que num minuto ela servia champanhe a setenta e cinco amigos íntimos e parentes distantes dos Plumb e, no instante seguinte, disparava rumo ao estreito de Long Island no Porsche zero quilômetro alugado por Leo, com a mão enfiada na braguilha da calça de linho justíssima que ele usava, a almofada do polegar deslizando sem grande perícia pela base do pênis dele.

Matilda havia resistido no começo, quando Leo a puxara para uma despensa lateral, segurando-a pelos pulsos e disparando perguntas: *Quem é você? De onde veio? O que faz além disso? É modelo? Atriz? Sabia que você é linda?*

Tinha certeza do que Leo queria; vivia recebendo propostas nesses eventos, só que, em geral, de homens muito mais novos — ou ridiculamente mais velhos, *idosos* —, com um arsenal de cantadas sem graça e tentativas vagamente preconceituosas de lisonja. (Ela era chamada de J. Lo o tempo todo, apesar de não ter a menor semelhança com a cantora; seus pais eram mexicanos, não porto-riquenhos.) Mesmo em meio àquele grupo endinheirado, Leo era absurdamente bonito, termo que Matilda tinha certeza de nunca haver usado para descrever alguém cujas atenções chegavam a quase agradá-la. Talvez pensasse em *gostoso*, ou em *bonitinho*, quem sabe até *bonitão*, mas *bonito*? Os rapazes que ela conhecia ainda não tinham ficado bonitos. Matilda percebeu que estava encarando o rosto de Leo, tentando determinar que variáveis se somavam para torná-lo bonito. Assim como ela, ele tinha olhos e cabelos escuros, a expressão forte. No entanto, enquanto as feições dele eram angulosas e bem definidas, as

de Matilda eram arredondadas e suaves. Na televisão, ele faria o papel de um homem ilustre — um cirurgião, talvez —, e ela seria a paciente em estado terminal implorando pela cura.

Através da porta da despensa, dava para ouvir a banda — uma orquestra, na verdade, pois havia pelo menos dezesseis músicos — tocando a lista habitual das festas de casamento. Leo a puxou pelas mãos para um dois para lá, dois para cá, e cantou ao pé do seu ouvido, mais alto que a música, num timbre agradável, animado e sonoro, o começo de "The Way You Look Tonight": *Someday, when I'm awfully low, when the world is cold, I will lá-lá-rá just thinking of you, and the way you look tonight.*

Matilda balançou a cabeça, deu um risinho e se afastou. A atenção dele era desconcertante, mas também fazia alguma coisa dentro dela vibrar. E rechaçar Leo na despensa era um pouquinho mais interessante do que enrolar aspargos em presunto na cozinha, que era o que ela deveria estar fazendo. Quando comentou timidamente que queria ser cantora, no mesmo instante ele citou os amigos que tinha na Columbia Records, amigos que estavam sempre muito interessados em descobrir novos talentos. Leo tornou a se aproximar, e, se Matilda se assustou ao vê-lo meio trôpego, parecendo ter necessidade de apoiar a mão na parede para manter o equilíbrio, sua apreensão evaporou quando ele lhe perguntou se tinha uma fita *demo*, algo que os dois pudessem ouvir no carro dele.

"Porque, se eu gostar", disse Leo, segurando os dedos finos de Matilda nos seus, "quero resolver isso agora mesmo. Fazer com que a fita chegue às pessoas certas."

ENQUANTO LEO A CONDUZIA para passar pelo manobrista do estacionamento sem ser visto, Matilda deu uma olhadela para a porta da cozinha. Seu primo Fernando lhe arranjara aquele trabalho e ficaria furioso se descobrisse que ela simplesmente dera o fora. Mas Leo tinha dito *Columbia Records*. Tinha dito *sempre à procura de novos talentos*. Quando é que ela conseguiria uma oportunidade como aquela? Só ia se ausentar um minutinho, apenas por tempo suficiente para causar uma boa impressão.

— Mariah foi descoberta pelo Tommy Mottola quando era garçonete — comentou Matilda, meio de brincadeira, como se tentasse justificar sua conduta.

— É mesmo? — disse Leo enquanto a apressava em direção ao carro, percorrendo com o olhar as janelas do clube acima do estacionamento.

Talvez Victoria conseguisse vê-lo do terraço lateral onde todos estavam reunidos, e era muito provável que já houvesse notado a ausência do marido e estivesse vasculhando o local à procura dele. Furiosa.

Matilda parou junto à porta do carro e tirou as sapatilhas de lona preta que usava para trabalhar. De uma sacola surrada de plástico, sacou um par de sandálias prateadas de salto agulha.

— Você não precisa trocar de sapatos para isto, de verdade — disse Leo, resistindo à ânsia de pôr as mãos na cinturinha dela ali mesmo, à plena vista de todos.

— Mas a gente vai tomar um drinque, não vai? — perguntou Matilda.

Por acaso Leo lhe dissera algo sobre um drinque? Drinque era impossível. Na sua cidadezinha natal, todo mundo sabia quem ele era e conhecia sua família, sua mãe, sua esposa. Ele terminou o martíni e jogou o copo vazio nos arbustos.

— Se a senhorita quer um drinque, vamos providenciar um drinque para a senhorita — respondeu.

Matilda calçou as sandálias e deslizou suavemente uma tira metálica fina pelo calcanhar esquerdo, outra pelo direito. Então se ergueu, ficando na altura dos olhos de Leo.

— Detesto sapatos rasteiros — disse ela, puxando a blusa branca justa um pouco mais para baixo. — Fazem com que eu me sinta toda rasteira.

Leo praticamente a empurrou para o banco da frente, para longe dos olhares, escondida com segurança atrás dos vidros escuros.

SENTADA NO BANCO DO CARONA, Matilda ficou perplexa ao ouvir sua vozinha nasalada sair pelos potentes alto-falantes do carro. Ela soava muito diferente nas caixas de som do velhíssimo Dell de sua irmã. Muito melhor.

Enquanto ouvia, Leo dava tapinhas no volante com uma das mãos. A aliança cintilava à luz interna do carro. Homem casado contrariava os princípios de Matilda, com toda certeza. Ela percebeu que ele se esforçava para demonstrar algum interesse em sua voz, tentava encontrar algum elogio que pudesse fazer.

— Tenho gravações melhores. Devo ter baixado a versão errada — comentou ela.

Sentiu as orelhas ficarem vermelhas de vergonha. Leo olhava pela janela.

— É melhor eu voltar — disse Matilda, estendendo o braço para a maçaneta da porta.

— Não — retrucou ele, pondo a mão na perna dela, que resistiu ao impulso de fugir e se empertigou um pouco mais, a mente a mil por hora.

O que ela tinha para prender a atenção dele? Detestava trabalhar como garçonete, mas Fernando a *mataria* por ter desaparecido na hora de servir o jantar. Leo fitava o busto dela com um olhar atrevido. Matilda baixou os olhos e reparou em uma manchinha na calça preta. Raspou com a unha o pingo de molho de vinagre balsâmico, do qual havia preparado litros. Lá dentro, era provável que todo mundo estivesse arrumando a salada verde com camarão grelhado nos pratos, despejando o molho pela borda num traçado que devia se parecer com ondas, como os desenhos que as crianças fazem do mar.

— Eu queria ver o mar — disse ela, baixinho.

E então, tão devagar que a princípio Matilda não entendeu ao certo o que estava acontecendo, Leo tomou-lhe a mão (por um momento bobo, ela achou que ele iria beijá-la, como um personagem das novelas a que sua mãe assistia) e a pôs no colo. E ela sempre se lembraria dessa parte, de como ele não parou de fitá-la. Não fechou os olhos, não inclinou a cabeça para trás, não se inclinou para dar um beijo babado nem se atrapalhou com os botões da blusa dela; olhou firme e demoradamente para seus olhos. Ele a *viu*.

Matilda sentiu a reação dele sob a mão, foi eletrizante. Enquanto mantinha os olhos fixos nos de Leo, ela aumentou um pouquinho a pressão dos dedos e, de repente, o equilíbrio de poder no carro mudou a seu favor.

— Achei que a gente ia ver o mar — disse ela, querendo fugir do campo de visão da cozinha.

Leo sorriu e deu marcha a ré. Matilda lhe abriu o zíper da calça antes que ele acabasse de colocar o cinto de segurança.

NÃO SE PODIA CULPAR LEO pela rapidez do clímax. Sua esposa o pusera de castigo semanas antes, depois de flagrá-lo apalpando uma babá no corredor da casa de veraneio de uma amiga. Ao dirigir rumo à praia, Leo tinha esperança de que a combinação de álcool, cocaína e antidepressivo retardasse sua reação, mas, quando a mão de Matilda o apertou com vontade, ele percebeu que tudo estava acontecendo depressa demais. Fechou os olhos por um segundo — só

um segundo — para se recompor, para interromper a imagem inebriante da mão dela subindo e descendo, as unhas com esmalte azul lascado. Nem chegou a ver o SUV que vinha em disparada pela Ocean Avenue, à direita, no sentido perpendicular a seu carro. Percebeu tarde demais que o guincho que ouvira não era a voz de Matilda saindo do equipamento de som, mas algo bem diferente.

Nenhum dos dois sequer teve tempo de gritar.

Um romance engraçado e perspicaz sobre quatro irmãos adultos e o destino do dinheiro que moldou a vida e as escolhas de toda a família

Leo Plumb estava bêbado e drogado quando fugiu sorrateiramente da festa de casamento do primo, levando uma das garçonetes a tiracolo. No calor do momento, dirigindo para longe dali, os dois sofrem um acidente de carro com graves consequências. Para fazer com que seus problemas desaparecessem, Leo precisou usar o dinheiro de uma conta da família, um dinheiro sagrado: o pé-de-meia que garantiria o futuro dos irmãos Plumb. Ansiosos para receberem sua parte e horrorizados ao descobrirem que a mãe permitiu que Leo torrasse aquela grana, eles marcam um encontro para deliberar quando e como o dinheiro será restituído.

Uma análise inteligente e afetuosa sobre como a expectativa desempenha um papel central em nossas vidas, *A grana* tem o ingrediente mais explosivo de qualquer boa briga de família: dinheiro.

"Os Plumb são ridículos, e é divertido tanto julgá-los quanto se preocupar com o que será deles."
The Atlantic

"Tiranicamente engraçado."
The Guardian

"*A grana* é como um bom chocolate amargo: forte, mas também delicioso demais para não devorarmos de uma só vez."
Entertainment Weekly

ISBN 978-85-510-0005-2
9 788551 000052
www.intrinseca.com.br